

Aspectos da nasalização na língua Asurini do Xingu (Tupi-Guarani)

Aspects of nasalization in the Asurini Xingu language (Tupi-Guarani)

Antônia Alves Pereira
Universidade Federal do Pará

Resumo: Este trabalho apresenta uma proposta de análise para a nasalização na língua Asurini do Xingu. Para isso observa alguns trabalhos sobre nasalização nas línguas do tronco Tupi, além de buscar subsídio em modelos teóricos que tratam do fenômeno da nasalização nas línguas do mundo. Essa língua apresenta uma série de vogais nasais que se opõe a outra de vogais orais, além disso, apresenta uma série de consoantes nasais e outra de consoantes oclusivas orais. Uma análise que considere como fonemas as consoantes nasais, ao invés das consoantes oclusivas orais, é mais consistente com a estrutura fonêmica da língua. Assim, adotamos nesse trabalho a análise que considera como fonema as consoantes nasais.

Palavras-chave: Nasalização. Asurini. Fonemas. Vogais. Consoantes.

Abstract: This paper proposes an analysis of nasalization in the Asurini Xingu language (Tupi-Guarani family). Previous work on nasalization in Tupi languages is discussed, as are some theoretical models of nasalization. It is shown that the language presents a series of nasal vowels and a corresponding series of oral vowels, as well as series of nasal consonants and a corresponding series of oral stops. It is also demonstrated that an analysis that considers the nasal consonants to be phonemic is more consistent with the structure of the language than an analysis which considers the oral stop consonants as phonemic.

Keywords: Nasalization. Asurini. Phonemes. Vowels. Consonants.

Introdução

Este trabalho aborda aspectos da nasalização no Asurini do Xingu. Essa língua é classificada por Rodrigues (1985) como membro da família Tupi-Guarani, tronco Tupi. O povo falante dessa língua vive em uma única aldeia, localizada à margem direita do Rio Xingu, no município de Altamira, no estado do Pará, Brasil. A população é constituída por aproximadamente 150 índios. A nasalização nas línguas dessa família, bem como de seu tronco, já resultou em várias discussões, dado o fato de apresentar características bem peculiares no âmbito da fonologia. Algumas dessas discussões são encontradas em Goldsmith (1976), Costa (2007) e Cardoso (2009). Esse trabalho é preliminar e sua preocupação primeira é verificar a ocorrência da nasalização nos segmentos vocálicos e consonânticos, para em seguida justificar a escolha de fonemas para a língua Asurini do Xingu.

Os dados apresentados aqui foram coletados ao longo de nossa pesquisa. Começamos estudar o Asurini do Xingu no início de 2003. Nossa pesquisa contou mais diretamente com três colaboradores: Kwa'ĩ, Parakakãja e Myra.

O Asurini do Xingu, como várias línguas da família linguística Tupi-Guarani, apresenta, em seu sistema fonético/fonológico, segmentos consonânticos orais, nasais e pré-nasalizados. Discutimos se essas consoantes são intrinsecamente nasais ou se a nasalização delas é derivada, isto é, proveniente da nasalização das vogais ou do contexto em que se encontram, sendo, então, originalmente orais.

A análise dos dados apresentada aqui foi feita com base na metodologia de análise fonêmica, proposta por Pike (1947). Segundo a orientação da fonêmica, a depreensão dos fonemas de uma língua deve ser feita com base em três aspectos: contraste, variação e distribuição. Para compreender o fenômeno da nasalização, especificamente, pré-nasalização, pós-nasalização e nasalização plena, buscamos subsídios em autores como Anderson (1975) e Piggott (1992), que apresentam um modelo fonológico não-linear para o tratamento da nasalização. Para a análise dessa questão no Asurini do Xingu, além de procurarmos compreender e descrever como o fenômeno ocorria na língua, procuramos compreender também como tinha sido tratada em outras línguas do tronco Tupi.

1 Vogais

No Asurini do Xingu, os fones vocálicos podem ser descritos em relação à altura, à posição da língua e ao arredondamento da boca: alto, médio, baixo; anteriores e não anteriores; e arredondados e não arredondados, respectivamente. Abaixo, mostramos o quadro de fones vocálicos da língua:

	Anteriores	Centrais	Posteriores
Fechadas	i ĩ	i ĩ	u ũ
Meio-fechada	e ẽ		
Meio-aberta	ε		
Aberta		a ã	

Quadro 1: Fones vocálicos do Asurini do Xingu

O Asurini do Xingu apresenta a série seguinte de vogais nasais [ĩ, ẽ, i, ũ, ã], contrapondo-se a uma série de vogal homorgânica oral [i, e, i, u, a], o fone [ε], encontra-se em variação livre com o fone [e]. Conforme atestam os dados abaixo, o confronto entre vogais orais x vogais nasais dá indícios de que as duas séries de vogais podem ser consideradas fonemas na língua. Entretanto, para se chegar a uma conclusão sobre a série de fonemas vocálicos, é necessário que se leve em consideração também o papel desempenhado pelas consoantes nasais. Dessa forma, optamos por primeiro mostrar como todos os fones nasais se comportam na estrutura da língua para depois discutirmos propostas de análises para eles.

2. Consoantes

Na língua Asurini do Xingu, as consoantes oclusivas orais, nasais e pré-nasalizadas apresentam uma estreita relação entre si. As línguas naturais podem se valer de vários traços distintivos para opor uma série de som à outra. No Asurini do Xingu, a oposição tende a ser entre os traços oral X nasal. Nessa sessão, veremos como se dá essa relação. Abaixo, um quadro que ilustra esses fones na língua:

Oclusivas	Sonoras	b	d		g
Nasais		m	n	ɲ	ŋ
pré-nasalizadas		mb	nd		ŋg

Quadro 2: Oclusivas sonoras, nasais e pré-nasalizadas.

2.1 Relação entre oclusivas sonoras e nasais

De acordo com os dados abaixo, as oclusivas sonoras orais [b, d] variam livremente com suas homorgânicas nasais [m, n] no contexto fronteira inicial de

palavra, antes de vogal oral e no contexto interior de palavra entre duas vogais orais. Os dados que seguem ilustram isso:

[m] ~ [b]

[amuga'mu] ~ [amuga'bu] 'eu amamento'

['maβa] ~ ['baβa] 'morto, finado'

[n] ~ [d]

[aε'dup] ~ [aε'nup] 'eu escuto'

[damiku'ema] ~ [namiku'ema] 'brinco'

As consoantes nasais [m] e [n] ocorrem nos seguintes ambientes: antes de vogais nasais e fronteira final de palavra. A nasal velar [ŋ] ocorre em fronteira final de palavra e a sua homorgânica oral [g] ocorre nos ambientes fronteira inicial de palavra e interior de palavra. A seguir, exemplificamos esses casos:

[m]

['mĩna] 'chuva'

[a'mũ] 'outro'

[-tĩm] 'plantar'

[n]

[a'φẽn] 'eu passo'

[a'nũ] 'espécie de pássaro'

[una'rin] 'eu junto'

[ŋ]

[tĩŋ] ‘branco’

[a'kĩŋ] ‘cabeça’

[-ʔẽŋ] ‘fala’

[g]

[ʔa'ga] ‘namorado’

[ga] ‘ele’

[a'gu] ‘eu cuido’

2.2 A relação entre consoantes nasais e consoantes pré-nasalizadas

A língua Asurini do Xingu, assim como outras línguas do Tronco Tupi-como Kaiowá (Cardoso, 2009), Guarani-Mbyá (Martins, 2003) e Nhandewa (Costa, 2003, 2007)- apresenta uma série de consoantes pré-nasalizadas ou consoantes que apresentam segmentos de contorno, isto é, consoantes foneticamente oclusivas com um contorno nasal [mb, nd, ŋg]. Essas consoantes ocorrem no contexto fronteira interna de palavra depois de uma vogal nasal. Os dados abaixo ilustram isso:

[mb]

[enĩmba'ʔi] ‘linha’

[amĩm'baβa] ‘derreter’

[amãjã'mβɛ] ‘estar vigilante’

[nd]

[dʒã'ndu] ‘aranha’

[amã'ndak] ‘eu corto (lenha)’

[tataëndi] ‘lanterna’

[ŋg]

[tata'tʃĩŋga]	‘fumaça’
[mu'ĩŋga]	‘remédio’
[‘tũŋga]	‘pulga’

3 Fonemas consonânticos nasais X fonemas vocálicos nasais

Na literatura sobre nasalização, encontram-se vários modelos fonológicos que procuram explicar o fenômeno nas línguas. Piggott (1992), Anderson (1975) e Bell-Berti e Harris (1981) procuram explicar a nasalização através de um modelo não-linear. Chomsky e Halle (1968) buscam explicação para a questão em um modelo linear. Entretanto, parece que as línguas do tronco Tupi tendem a fugir aos padrões propostos por tais modelos. Nos últimos anos, aparece um número considerável de trabalhos que tratam da nasalização nas línguas desse tronco, dentre eles, encontramos Rodrigues (1981), Costa (2003 e 2007), Martins (2003), Cardoso (2009). Todos esses trabalhos trazem uma contribuição significativa para a compreensão desse fenômeno nas línguas desse tronco.

Cardoso (2009) considera /m/ e /n/ como fonemas em Kaiowá e [mb, b] e [nd, d] alofones, já Bridgeman (1961) propõe que em Kaiowá as consoantes oclusivas vozeadas /b/ e /d/ sejam fonemas dos alofones [mb, m] e [nd, n]. Costa (2007, 91), em análise para o Nhandewa, identifica como fonemas as consoantes pré-nasalizadas /mb/ e /nd/: “ A minha interpretação(...) considera que, em Nhandewa-Guarani, as formas subjacentes (“fonemas”) correspondem a /mb/ e /nd/. Elas se realizam como [mb] (ou [nd]) diante das vogais orais, e como nasais plenas [m] (ou [n]) diante das vogais nasais”. Para o Guarani-Mbya, Martins (2003) Considera /m/ e /n/ como fonemas ao invés dos alofones [mb] e [nd], respectivamente.

Nesta análise, vamos discutir duas propostas para a representação dos fones oclusivos orais sonoros e dos fones nasais no Asurini do Xingu. A primeira dessas propostas sugere que as consoantes nasais são alofones das oclusivas orais, cuja nasalização é proveniente do contexto em que se encontram (essa proposta é defendida por Rodrigues (1981) para a língua Maxacali); já a segunda proposta trata as consoantes nasais como fonemas intrinsecamente nasais. Conforme já colocado antes, é indispensável para essa análise a função das vogais nasais, bem como das consoantes pré-nasalizadas.

De acordo com a primeira proposta de análise, a nasalização é condicionada por uma consoante nasal que se encontra na subjacência, manifestando-se apenas na nasalização da vogal. Assim, ter-se-iam vogais intrinsecamente nasais e consoantes oclusivas orais com alofones nasais influenciados pelo contexto da vogal nasal. Para o Asurini do Xingu, essa análise apresenta alguns problemas, que são elencados a

seguir: podemos constatar no exemplo (1) que existe uma variação livre entre as oclusivas orais [b] e [d] e as nasais homorgânicas [m] e [n], respectivamente, quando estes fones encontram-se entre vogais orais. Se o fone nasal fosse um alofone foneticamente condicionado pelo ambiente nasal, provavelmente, não apareceria nesse contexto, haja vista que ele é propício apenas ao aparecimento das oclusivas orais, uma vez que não existiria elemento nasal no contexto para influenciar a nasalização da consoante, o contexto é propício apenas à ocorrência das oclusivas orais.

(1)

[amuga'mu] ~ [amuga'bu] 'eu amamento'

[aε'dup] ~ [aε'nup] 'eu escuto'

Outro argumento usado para se considerar os fones nasais como alofones das oclusivas orais é o contexto fronteira de palavras. Rodrigues (1981, p. 305) assegura que:

Em diversas línguas sul-americanas a ocorrência de segmentos com o traço [+nasal] é mais naturalmente explicitada se admitirmos que as fronteiras de palavras comportam o traço [+nasal] como uma propriedade intrínseca (decorrente do abaixamento do véu palatino durante pausa silenciosa).

Esse argumento não parece se aplicar bem ao Asurini do Xingu: a língua apresenta variação livre entre oclusivas orais e nasais em contexto inicial de palavra, conforme já dissemos; entretanto, essa variação livre não existe em fronteira final de palavra. Nesse contexto só ocorrem as consoantes nasais homorgânicas das oclusivas orais. Se fosse a fronteira de palavra que nasalizasse a consoante, esperar-se-ia que não existisse a variação livre no contexto fronteira inicial de palavra; mas no caso de existir argumentação que sustentasse a variação entre esses dois fones nesse contexto, esperar-se-ia também comportamento análogo para a fronteira final de palavra, o que não acontece. Para aplicar essa análise ao Asurini do Xingu, seriam necessárias explicações para esse comportamento distinto entre as fronteira inicial e final de palavra.

Em relação às oclusivas pré-nasalizadas, esses segmentos ocorrem apenas no interior de palavra depois de vogal nasal, o que sugere que elas são foneticamente condicionadas pela nasalização da vogal anterior. Assume-se, assim, que o espalhamento da nasalidade nessa língua ocorre da esquerda para a direita no que se refere a essas consoantes.

Assim, a nossa análise para a nasalização no Asurini do Xingu, levando em conta a estrutura da língua, sugere que ela apresenta tanto fonemas consonânticos nasais quanto fonemas vocálicos nasais e não consoantes oclusivas orais que se nasalizam em virtude do contexto em se encontram.

Os fonemas consonânticos nasais da língua são: /m/, /n/ e /ŋ/. Em relação a /m/ e /n/, realizam-se como pré-nasalizadas [mb, nd], depois de vogal nasal no interior de palavras, variam com suas homorgânicas oclusivas orais [b,d] em ambiente oral e realizam-se como [m, n] nos demais ambientes. Analogamente a /m/ e /n/, /ŋ/ realiza-se pré-nasal [ŋg] depois de vogal nasal no interior de palavras, entretanto, realiza-se [ŋ] em final de palavras e [g] nos demais ambientes.

Conforme se observa, o comportamento de /ŋ/ com relação às demais nasais é um comportamento assimétrico: enquanto as nasais /m/ e /n/ são os fones que ocorrem em maior número de ambientes em relação a suas homorgânicas oclusivas [b, d], /ŋ/ apresenta-se ocorrendo em menor número de ambiente que a sua homorgânica oclusiva [g].

Essa assimetria talvez esteja relacionada a uma mudança em curso do fonema. É possível que essa mudança esteja relacionada a uma provável influência da língua Portuguesa na língua Asurini do Xingu, dado que /ŋ/ não ocorre no português, e /g/ é bastante recorrente. Ressaltamos que a maior parte da população asurini abaixo dos 45 anos de idade fala as duas línguas fluentemente.

Em relação à representação desses fones no sistema fonológico da língua, pelo critério de ocorrência, seriam representados pelos fonemas /m/, /n/ e /g/, visto que eles ocorrem em maior número de ambientes que os demais fones. Essa representação funciona perfeitamente para /m/ e /n/, entretanto, para /g/ torna o quadro de fonemas assimétricos. Dada a assimetria no comportamento dos demais fonemas e o fato de as línguas, em geral, tenderem à assimetria, é preferível que se faça uso desse critério para representar o quadro de fonemas de uma língua quando se depara com uma situação desse tipo. Sendo assim, /ŋ/ representará os fones [ŋ,ŋg, g] mesmo não sendo o fone de maior ocorrência. Abaixo, apresentamos os arranjos:

/m/ $\left\{ \begin{array}{l} \sim [b] / \# _ V, V _ V \\ \text{--} [mb] / V) _ V \\ [m] / \text{n.d.a} \end{array} \right.$

/n/ $\left\{ \begin{array}{l} \sim [d] / \# _ V, V _ V \\ [nd] / V) _ V \\ [n] / \text{n.d.a} \end{array} \right.$

/ŋ/ $\left\{ \begin{array}{l} [ŋ] / \# _ \\ [ŋg] / V) _ V \\ [g] / \text{n.d.a} \end{array} \right.$

4 Considerações finais

Neste trabalho procuramos mostrar aspectos da nasalização no Asurini do Xingu. Apresentamos uma proposta de análise para a nasalização na língua levando em consideração a sua estrutura, bem como o papel desempenhado pelas séries de fones diretamente envolvidas na questão: oclusivas sonoras, nasais e pré-nasalizadas.

Através de contrastes, distribuição complementar e variação livre, e após discutirmos duas propostas de análise, consideramos que a língua apresenta tanto vogais como consoantes intrinsecamente nasais. Conforme nossa análise constituem fonemas na língua tanto a série de vogais orais /i, e, i, u, a/ quanto a série de vogais nasais /ĩ, ê, ã, õ, ã/ e a série de consoantes nasais /m, n, ŋ/. Esperamos ter ficado claro que a análise buscou acima de tudo ser coerente com a estrutura fonético/fonológica da língua.

O Asurini do Xingu é uma língua de tradição oral, assim como várias línguas indígenas da América do Sul. Será para nós extremamente gratificante se o trabalho puder de alguma forma contribuir na confecção de material didático para o povo asurini do Xingu.

Por fim, esperamos que esse trabalho possa também contribuir para os trabalhos de cunho tipológico e/ou comparativo que vêm se desenvolvendo nas línguas do tronco Tupi.

Referências

ANDERSON, Stephen R. The description of nasal consonants and internal structure of segments. In: FERGUSON, C; HYMAN, L and OHALA, J (Eds.). *Nasálfest*. Stanford, California: Stanford University, 1975, p. 1-25.

BELL-BERTI, F.; HARRIS, K. S. *A temporal model of speech production*. *Phonetica*, 38, 1981, p. 9-20.

BRIDGEMAN, L. I. *Kaiwa (Guarani) phonology*. *International Journal of American Linguistics*, 27, 1961, 329-334.

CARDOSO, V. F. Aspectos morfossintáticos da língua Kaiowa (Guarani). Tese (Doutorado em Linguística. Área de Concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The sound pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

COSTA, C. de P. G. *Nhandewa aywa*. Dissertação (Mestrado em Linguística. Área de

Concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-São Paulo, 2003.

_____. *Apyngwa rupigwa: nasalização em Nhandewa-guarani*. Tese (Doutorado em Linguística. Área de Concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-São Paulo, 2007.

GOLDSMITH, J. *Autosegmental Phonology*. Tese (Doutorado, PhD) – Cambridge, Mass: MIT Press, 1976.

MARTINS, M. F. *Descrição e análise de aspectos da gramática do Guarani Mbya*. Tese (Doutorado em Linguística. Área de Concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-São Paulo, 2003.

PEREIRA, A. A. *Estudo Morfossintático do Asurini do Xingu*. Tese (Doutorado em Linguística. Área de Concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-São Paulo, 2009.

PIGGOTT, G. L. *Variability in feature dependency: the case of nasality*. *Natural Language and Linguistic Theory*, 10, 1992, p. 33-77.

PIKE, K. L. *Phonemics: a technique for reducing language to writing*. Ann Arbor: University of Michigan Press, (1947).

RODRIGUES, A. D. *Nasalização e fronteira de palavra em Maxakali*. Anais do V Encontro Nacional de Linguística. Rio de Janeiro, 1981.

_____. *Silêncio, pausa e nasalização*. Anais do VIII Encontro Nacional de Linguística. Rio de Janeiro, 1984.

_____. *Relações internas na família Tupi-Guarani*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 27/28, 1985, p. 53-33.

Recebido em 1º de novembro de 2010.

Aceito em 28 outubro de 2011.

ANTÔNIA ALVES PEREIRA

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora de Linguística na Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: antonia@ufpa.br.